

Breve histórico Num depoimento à revista *José* (n.1, jul. 1976), Otto Maria Carpeaux e seus entrevistadores calcularam que apenas dez por cento dos artigos sobre temas literários que ele produziu e publicou em periódico foram reunidos em livros. Foram apenas seis coletâneas, e nenhuma passou da primeira edição¹. Duas antologias² contendo alguns poucos ensaios inéditos foram ainda publicadas, mas apenas a primeira pôde ser revista por Carpeaux. Falecido no Carnaval de 1978, essa circunstância contribuiu para sufocar a eventual repercussão de seu desaparecimento. De 1978 é o volume *Alceu Amoroso Lima*, também póstumo. Nem a biografia nem aquelas antologias foram reeditadas.

Ainda a literatura: sua enciclopédica *História da literatura ocidental* teve uma reedição, revista pelo Autor, mas surgida postumamente. Isso não impediu que saísse mutilado o volume sobre o Romantismo: foram suprimidas nada menos que as trinta páginas finais, onde Carpeaux analisa a herança ou os prolongamentos daquele estilo. *A literatura alemã* que teve sua primeira edição em 1964 foi reeditada apenas em 1994. Sua *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* (1949) — obra de referência indispensável até hoje — teve a última atualização feita pelo Autor em 1967. Em 1978 a Ediouro promoveu a reedição, atualizada por Assis Brasil. Hoje, está desaparecida e faz falta.

Cabe lembrar, finalmente, o conjunto de introduções aos nove volumes da *Antologia do conto russo*, publicada entre 1961 e 1962, pela Editora Lux, do Rio de Janeiro.

No final de 1992, a editora Nova Alexandria ofereceu a coletânea de ensaios *Sobre letras e artes*, que reunia quarenta e seis trabalhos originalmente publicados no *Letras e Artes*, dos quais quarenta e dois inéditos em livro. “Andersen e a literatura infantil” e “Ulisses” apareceram em *Retratos e leituras* (Rio de Janeiro: Simões, 1953); “Antígone” e “Os heterônimos de Fernando Pessoa” pertencem a *Presenças* (Rio de Janeiro: INL, 1958). Há muito esgotados estes livros, foi mais que compreensível e oportuna a reedição.

Eis que sete anos depois, em 1999, anuncia-se, com um primeiro *Ensaios reunidos*, o projeto monumental de uma publicação em dez volumes das obras de Otto Maria Carpeaux. Até este final de 2002, continuamos aguardando a continuidade.

Não se compreende bem porque sua obra esteja hoje em dia praticamente fora do debate dos estudiosos de literatura. Talvez a longa ausência nas livrarias e nos periódicos e suplementos de cultura. Talvez o gosto pela novidade, a neofilia, que considera superado mesmo o que não é conhecido. Superar, a palavra diz, é construir sobre, criar conservando. Ou, finalmente, porque “os homens não sabem ler”, como escreve Car-

peaux. Alain (Émile Chartier, 1868-1951) exprime idéia semelhante quando afirma: “O paradoxo humano é que tudo está dito e nada compreendido”³.

A preparação dos textos A reedição dos seis volumes da obra de crítica literária de Otto Maria Carpeaux enriqueceu de traduções, em notas de rodapé, dos títulos e citações em língua estrangeira. Introduziu, ao final, um “Índice onomástico”. Normalizou os critérios de citação. Trouxe uma iconografia de boa qualidade. São conquistas sem dúvida importantes. No entanto, um critério universitário mais exigente esperaria mais. Alinho alguns problemas remanescentes para futuras reedições:

Quem lê os dois primeiros livros de Carpeaux, *Cinzas do Purgatório* (1942) e *Origens e fins* (1943), ignora que foram redigidos quase totalmente em francês e traduzidos por Carlos Gilberto Lima Cavalcanti.⁴

Mesmo na ausência dos originais, pelo contexto podem-se notar algumas imprecisões do tradutor: no ensaio sobre Weber menciona-se uma discussão teológica sobre os “interesses do capital” tradução literal, que deveria ser corrigida para “juros do capital”

Embora escrevendo extraordinariamente bem, Carpeaux cometia deslizes na sintaxe de regência. Em alguns momentos apenas pôde contar com a colaboração de Aurélio Buarque de Holanda, para rever seus

textos⁵. Não vale a pena citar exemplos, numerosos, daqueles deslizes. Cabe apenas notar que, mais que nunca, o desleixo e talvez o pouco conhecimento do assunto não são incomuns entre os que supomos obrigados ao manejo da língua culta. Acredito que o editor de texto deva adotar a postura de intervir nesses casos, como revisor. Não me parece fundamental assinalar com notas essas intervenções.

O ensaio “Poesia e ideologia”, divulgado originalmente no *Correio da manhã*, dia 27 de setembro de 1942 integrou *Origens e fins*, mas uma linha saiu empastelada, como já tive ocasião de mencionar. Reproduzo parte do parágrafo correspondente e, entre colchetes, a linha reconstituída com base no jornal. (Compare-se com a solução supressiva, não assinalada, da edição de que estamos tratando, p. 278.)

Toda poesia é difícil. Tem sempre algo de acadêmico-aristocrático para uma elite, ou algo de voz clamante de profeta no deserto, ou algo de hermético [quase de ciência oculta. E mesmo a imitação do tom] popular pelos poetas cultos é um artifício. São atitudes; e o primeiro malentendido da poesia é a confusão entre atitude e intenção. Todas as atitudes poéticas, a parnasiana, a romântica, a suprarrealista não passam de atitudes. A verdadeira intenção de toda verdadeira poesia é a expressão duma verdade pessoal, humana; e contra todas as atitudes artifi-

ciais surge, como instância suprema, a figura do mais completo, porque mais humano, dos poetas: François Villon. A poesia de Villon, os poemas mais bem construídos em língua francesa, é realmente uma lição sobre a essência da poesia: o poeta com a vida mais desordenada chega a ser o construtor de supremas ordens verbais; superior à atitude é a intenção, e a intenção da poesia é: impor uma ordem ao caos das palavras desordenadas.

Por uma biografia intelectual de Carpeaux Mais do que antes seria importante elaborar uma biografia intelectual do ensaísta, baseado em documentação e não em conjecturas indemonstráveis, como a do ensaio do organizador, sr. Olavo de Carvalho.

A carreira de Carpeaux teve momentos tensos. Lembra alguns episódios. Em dezembro de 1943, a propósito de um boato que circulou a respeito da morte de Romain Rolland, Carpeaux publicou na *Revista do Brasil* pequeno artigo, que foi lido pela esquerda, especialmente pelo Partido Comunista, como ofensiva ao romancista e combatente democrático francês. Isso deu origem a uma série de manifestações, desde o desagravo na revista *Leitura* (fev. de 1944), assinada pelo redator, B. M. (Barbosa Mello):

Não podemos compreender o motivo do ataque ao escritor vitimado pelo nazismo, precisamente no momen-

to em que a consciência do mundo venera e exalta o exemplo da sua vida. Uma das expressões usadas — “*Morto, ainda não nos deixa em paz*” — não deveria ser pronunciada senão por aqueles inimigos da vida, tão bem compreendidos no famoso grito de Millán de Astray: “*Abajo la inteligencia! Viva la muerte!*”⁶

até polêmica envolvendo numerosos intelectuais, entre eles Bernanos, então no Brasil. Carpeaux respondeu-lhe na revista de *O Jornal* (16.4.1944), com o artigo “Discussão e terrorismo”

Naquele mesmo ano de 1944, dia 27 de agosto, publicaria “As opiniões de Swift” e uma nota, talvez reflexo da polêmica recente:

Fora o meu mais vivo desejo exprimir a minha profunda emoção pela libertação de Paris, sinal da libertação do mundo, e ressurreição da cidade à qual me ligam as recordações mais caras. Deste modo, pretendi associar-me às vozes de tantos intelectuais, colaboradores de *O Jornal*, publicado na edição de 24 de agosto. Foi isso infelizmente impossível, porque as pessoas responsáveis pela publicação daquelas vozes me ignoram sistematicamente o nome. Deixo aqui o meu veemente protesto.

Dênis de Moraes, em *O imaginário vigiado* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 156), narra episódio de 1951:

Egídio Squeff se insurgiu contra um artigo no qual Otto Maria Carpeaux apontava divergências entre o pensamento de Antonio Gramsci e a direção do Partido Comunista Italiano a respeito das ciências naturais e da técnica. “Quer agora o sr. Carpeaux enlamear a memória de um homem que é patrimônio da cultura da nação italiana e o filho mais querido de sua gloriosa classe operária.” Squeff arrematou: “Poucas vezes temos visto um arrivista intelectual tão desonestamente inescrupuloso como esse tatibitate da decadência. ...Ora, o sr. Carpeaux é uma besta.” (*Para todos*, n.9, abril de 1951).

Para abreviar esse histórico, valeria apenas mencionar a polêmica que se travou em torno do artigo de Carpeaux, na *Revista da Civilização Brasileira* (n.14, de jul. 1967), “O estruturalismo é o ópio dos literatos”

A posição de esquerda nunca assegurou dividendos a nenhum intelectual nem dentro nem fora dos países do antigo bloco socialista. Eric Hobsbawm, por exemplo, em entrevista a Sylvia Colombo (*Folha de São Paulo*, 15.2.2001, p. E1), declarou:

Sempre tentei escrever história inspirado pelo marxismo, mas o valor dessa história não depende de meus pontos de vista. As pessoas sabem que minhas idéias são de esquerda, e, em alguns momentos, isso fez com que eu fosse mais popular. Em outros momentos, menos. O

valor da minha história não está em atender as pessoas com minhas opiniões, mas em ser uma boa história e por isso ser aceita.

No Brasil, a ditadura militar puniu severamente os intelectuais de oposição, entre eles Otto Maria Carpeaux: ficou praticamente proibido de publicar seus ensaios. Nos anos 1970, chegou a tentar voltar para a Europa. Nos últimos tempos, conseguiu sua subsistência entre nós redigindo verbetes para a *Enciclopédia britânica do Brasil*. D. Helena Carpeaux, que tive o privilégio de entrevistar, narrou a guerra de nervos movida pelos agentes da repressão política. Visitavam o casal pela madrugada, interrompiam-lhes o repouso, e obrigavam Carpeaux a comparecer para interrogatórios, mesmo sob protesto da esposa. Argumentava em vão que Carpeaux não estava foragido e, convocado, poderia comparecer em outro horário. Sua morte aos 78 anos foi, segundo ela, antecipada pela necessidade de utilizar tranqüilizantes.

Notas sobre o discurso indireto livre Para bem compreender Otto Maria Carpeaux seria preciso estudar com cuidado um dos seus recursos expositivos mais freqüentes: a utilização do discurso indireto livre como forma de glosar o pensamento dos autores de que tratou.

Esse tipo de discurso, estudado por Bakhtin (*Marxismo e filosofia da linguagem*, 3ª parte) e objeto de instigante ensaio de Pier Paolo Pasolini⁷ pode ser sinteticamente definido pela fórmula deste último:

forma gramatical que serve para falar através do locutor — e sofrer ou aceitar a modificação psicológica e sociológica deste decorrente.

No campo da literatura de ficção, as análises desse modo de articular o pensamento do outro têm rendido excelentes resultados. No entanto, seu uso na exposição teórica, obrigada a citar, resumir e interpretar discursos ainda não chamou a atenção dos analistas.

Carpeaux se vale amiúde do procedimento, desnor-teando por vezes os leitores, que não chegam a discernir onde termina a glosa do pensamento alheio e onde começa ou continua o discurso do crítico. Isso leva a atribuir a ele concepções que podem não ser as suas. A cautela com que me exprimi, “podem não ser”, é uma ressalva para casos realmente fronteiriços.

Apenas um exemplo. Discutindo as interpretações da obra de Dostoiévski (*Antologia do conto russo*, vol. II, p. 25-7), Carpeaux detém-se no problema que considera fundamental: “é lícito matar gente?” (por razões pessoais ou políticas?).

Raskolnikov, em *Crime e castigo*, cometido o primeiro

crime, viu-se na contingência de cometer um segundo, involuntário. “Tinha preparado e calculado tudo, minuciosamente, menos esse efeito terrível do seu crime: o segundo crime”. E argumenta:

Pois o homem não é capaz de calcular todos os efeitos dos seus atos. A relação entre causa e efeito, na vida, é muito complexa; e nenhuma inteligência ou sabedoria humana chega a saber, de antemão, tudo. Por quê? Porque nossa experiência é limitada.

Temos de submeter-nos a uma experiência maior, que observa há séculos, há milênios a vida humana, pré-sabendo muito; ou antes, pré-sabendo tudo. É Deus que proíbe matar. É por isso que a história de Raskolnikov termina com sua conversão ao Evangelho. A continuação será *Os irmãos Karamazov*.

A eficiência e a beleza desses parágrafos derivam da ambigüidade do discurso indireto livre, ambigüidade que só se esclarece nas duas frases finais: a lógica que se articula não pertence ao ensaísta, mas é a lógica da ficção de Dostoiévski, a da “história de Raskolnikov”, lógica que se prolongará em *Os irmãos Karamazov*.

Pasolini ensina: “O certo é que sempre que encontramos o discurso indireto livre, isso implica uma *consciência sociológica*, clara ou não, por parte do autor” [grifo meu]

Consciência da diferente posição existencial e de classe dos sujeitos que se exprimem no mesmo discurso misto. Consciência sociológica, em suas dimensões filosófica, religiosa e política.

Permita-se uma última citação de Otto Maria Carpeaux, de um artigo da revista *Argumento* (jan. de 1974), “Notas de semântica”:

A palavra grega *idiótes* significa, como todos sabem, um imbecil. Mas no grego antigo tinha mais outra acepção: *idiota* seria um homem que não entende nada de política. Por extensão, também teria sido *idiota* um homem que não se quer ocupar com política, ou, então, um homem que é considerado tão *idiota* que não tem o direito de se ocupar com política.

Manhã, onde muitos dos ensaios daqueles livros foram originalmente estampados, fornece os dados precisos.

5 No arquivo Graciliano Ramos, do Instituto de Estudos Brasileiros, temos uma cópia datilografada do ensaio “Visão de Graciliano”; onde se documenta esta colaboração.

6 *Leitura*, p. 34-5, fev. de 1944. Seguem-se artigos de Gorki e de Aníbal Ponce em homenagem a Romain Rolland.

7 “Intervenção sobre o discurso indireto livre”. In: *Empirismo herege*. (Trad. de Miguel Serras Pereira), Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

Zenir Campos Reis é professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo e autor de *Augusto dos Anjos: poesia e prosa* [Ática, 1977] e da tese de doutorado *A antífona assimétrica: Augusto dos Anjos* [USP].

1 *Cinzas do Purgatório*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942; *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943; *Respostas e perguntas*. Rio de Janeiro: MEC, 1953 (Os Cadernos de Cultura); *Retratos e leituras*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953; *Presenças*, Rio de Janeiro: INL, 1958; *Livros na mesa*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

2 *Vinte e cinco anos de literatura*. Rio de Janeiro: Livraria Civilização Brasileira, 1968; *Reflexo e realidade*. Rio de Janeiro: Fontana, (s.d., provavelmente 1978).

3 *Propos de littérature*. Paris: Paul Hartmann, Éditeur, 1957, p. 53.

4 A informação é de Álvaro Lins. A consulta às coleções do *Correio da*